









A DANÇA DO VERMELHO  
Eduardo Haesbaert

## A Dança do Vermelho | Eduardo Haesbaert

Desde Jardim Selvagem, Galeria Bolsa de Arte de São Paulo, 2023, o artista retoma cores nos seus trabalhos em diálogo constante com seus pretos, densos, e sua arquitetura em destruição, sem chão. Alguns seres como os pássaros surgem no novo cenário, em ruínas, em A Dança do Vermelho.

A exposição é composta de 15 trabalhos em pastel seco e óleo sobre papel e sobre tela. No texto de apresentação da exposição, Clara Figueiredo, historiadora de arte e escritora, traduz o processo e a poética do artista:

“Em denso preto, colore com carvão. Para abrir luz, fere a fibra do papel. Conduz a ferida, rasga rio, alma, labaredas. Cidade em chamas. Cidade em águas. Entintamento, sujidade, rasgo — termos utilizados para descrever o seu saber fazer. Carvão, papel, pastel seco, gordura da mão — escolhas que materializam sua crítica ao cânone pictórico. Se o ato experimental de Eduardo se desdobra da gravura em metal (sua matriz vivencial) em desenho e pintura, o ato experiencial que ele nos convida se desdobra da materialidade do corpo impresso na obra, para aquilo que dela escapa. Sinalização. Relâmpago. Temporal. Chuva de pedra que queima. Foi no dia em que a terra caiu.”

Eduardo Haesbaert: A Dança do Vermelho

Texto: Clara Figueiredo

Abertura: 28 de março de 2025, sexta-feira, 18h – 21h

Visita guiada com artista e autora do texto: 29 de março, sábado, 11h-14h Exposição até: 17 de maio de 2025

Local: Galeria Bolsa de Arte de Porto Alegre

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 365. Floresta. Porto Alegre - RS.

A Dança do Vermelho integra o projeto Portas para a Arte, da Fundação Bienal do Mercosul, durante o período da 14a Bienal do Mercosul.

Sobre o artista e a autora:

Eduardo Haesbaert. Nascido em Faxinal do Soturno, RS, (1968), vive e trabalha em Porto Alegre. Representado pela Galeria Bolsa de Arte, coordena o Ateliê de Gravura da Fundação Iberê Camargo. Eduardo foi assistente de Iberê, trabalhando como técnico e impressor de suas gravuras no início dos anos 1990. Realizou inúmeras exposições, como “Um rio que passa” (Fundação Iberê, 2021). Recebeu, entre outros, o VI Prêmio Açorianos de Artes Plásticas - Melhor Exposição Individual 2011 (Última Cena, Galeria Bolsa de Arte).

Em 2019, foi indicado ao Prêmio Pipa 2019 e selecionado para a 7a Edição do Prêmio Indústria Nacional Marcantonio Vilaça (2019).

Clara Figueiredo é historiadora da arte, escritora e professora. Doutora e mestre em Artes (ECA/USP). É professora do Centro Universitário SENAC/SP, foi professora do Departamento de Artes Plásticas da ECA/USP, da Universidade Anhembi Morumbi e da Especialização PUC/SP.

Vermelho é fogo, sinal de alerta, perigo, desejo. Vermelho é também dança, no sentido mais visceral do termo. Corpo, carne, matéria que se desloca em movimentos repetitivos pelo espaço. São dedos de cerdas golpeando o papel. Adensando, inserem pigmento vermelho, preto, pastel seco, carvão. Decompondo, rasgam, sujam, engorduram, criam vazios, fumaça, línguas de fogo.

Captura-me nos desenhos, pinturas e monotípias de Eduardo Haesbaert um tênue lastro com o real. São nas palavras soltas dos títulos das obras que encontramos as pistas, mas não só, as encontramos também em sua figuração não representativa. Ou, assim escrevi, em “Todo olhar é assombrado”. Então, pensei que não, que antes da palavra vem o gesto, avesso à representação, ele escapa no Bem-te-Vi. Contradições necessárias. Nem toda obra de um mesmo artista é a mesma obra. Além disso, como Eduardo afirmou, o trabalho adquire vida própria quando deixa o ateliê. E é esse um dos embates que encampa.

Penso no título da exposição como legenda do gesto pictórico desse artista de ofício — como ele gosta de ser chamado.

O tênue lastro com o real, um gesto que escapa à fala e se realiza na fricção do material com a experiência sensível. Condizente com nosso tempo, o artista parece coletar em ato detritos entre os resíduos da inundação de imagens, desejos e efemeridades que nos submergem.

Certas vezes, ele cita para desmontar. Constroi toda a cena, “O Jardim das Delícias” ou “O voo das bruxas”, por exemplo, e então entinta. Em denso preto, colore com carvão. Para abrir luz, fere a fibra do papel. Conduz a ferida, rasga rio, alma, labaredas. Cidade em chamas. Cidade em águas. Entintamento, sujidade, rasgo — termos utilizados para descrever o seu saber fazer. Carvão, papel, pastel seco, gordura da mão — escolhas que materializam sua crítica ao cânone pictórico.

Se o ato experimental de Eduardo se desdobra da gravura em metal (sua matriz vivencial) em desenho e pintura, o ato experiencial que ele nos convida se desdobra da materialidade do corpo impresso na obra, para aquilo que dela escapa. Sinalização. Relâmpago. Temporal. Chuva de pedra que queima. Foi no dia em que a terra caiu.

Na atualidade, grande parte das proposições estéticas mascaram nossa percepção. Aturdidos, vemos, vemos e vemos e nada apreendemos. É na contramão que corpo, tinta, rasgo, papel &quot;batem com pequenos martelos contra o real até arrancarem dele a imagem, como de uma chapa de cobre&quot; (W. Benjamin, San Gimignano, 1929) e nos provocam a libertar a imaginação. Cascata. Cascasse il cielo. Epidemia de dança, esse outro olhar assombrado. Narram que, no século XVI, em Estrasburgo, centenas de pessoas dançaram até a exaustão. Dançaram por meses, dias e noites, muitas vezes sem música. O curioso é que, por analogia, medo ou solidariedade, sapatos vermelhos foram deixados nas entradas das cidades tomadas pela epidemia. Dança do Vermelho.

Há um dito popular que ilustra a fonte e os estímulos do sonho [do delírio? do desejo?]: &quot; Sonhos vêm do estômago &quot;. É no &quot; estômago &quot; — entendidos aqui como representantes de uma percepção estética ampliada — que o trabalho de Eduardo Haesbaert encontra e extrai sua fonte de estímulos. E é, também, com o corpo que ele imprime um convite ao assombro do olhar.

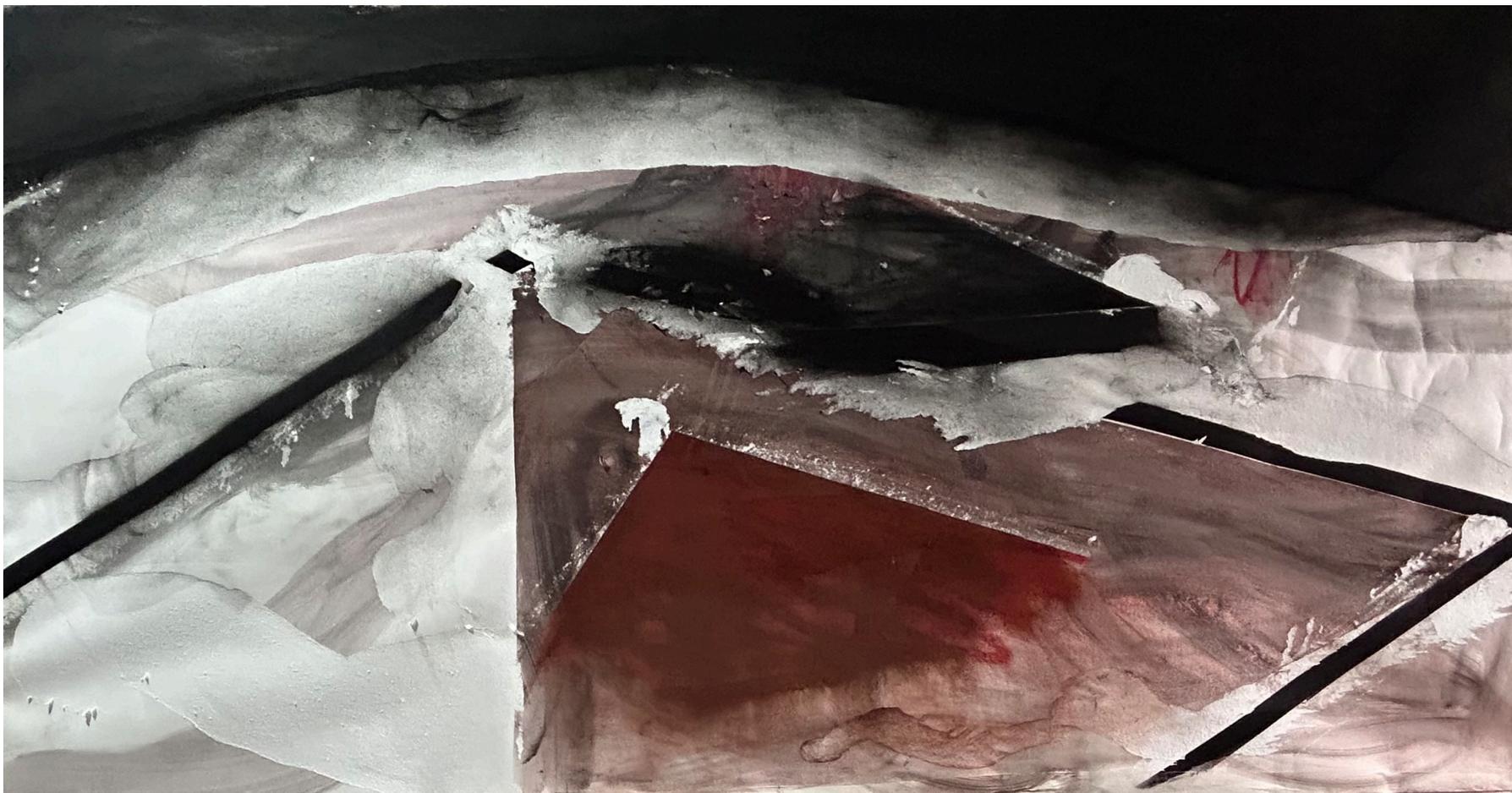
A dança incontrolável teria um efeito contagiante sobrenatural, disseram. Tênu lastro. Um convite para, tal qual o artista, mergulhar nos restos dessa realidade que desaba e que se conserva em cada pedaço desagregado.



**A dança do vermelho**, 2024  
Pastel seco sobre papel  
125 X 239 cm  
R\$ 35.000,00



**O dia em que a terra caiu**, 2024  
Pastel seco sobre papel  
153 X 259 cm  
R\$ 39.550,00



**Vertigo**, 2025  
Pastel seco sobre papel  
125 X 240 cm  
R\$ 35.000,00



**Queima**, 2025  
Pastel seco sobre papel  
210 X 152 cm  
R\$ 34.750,00



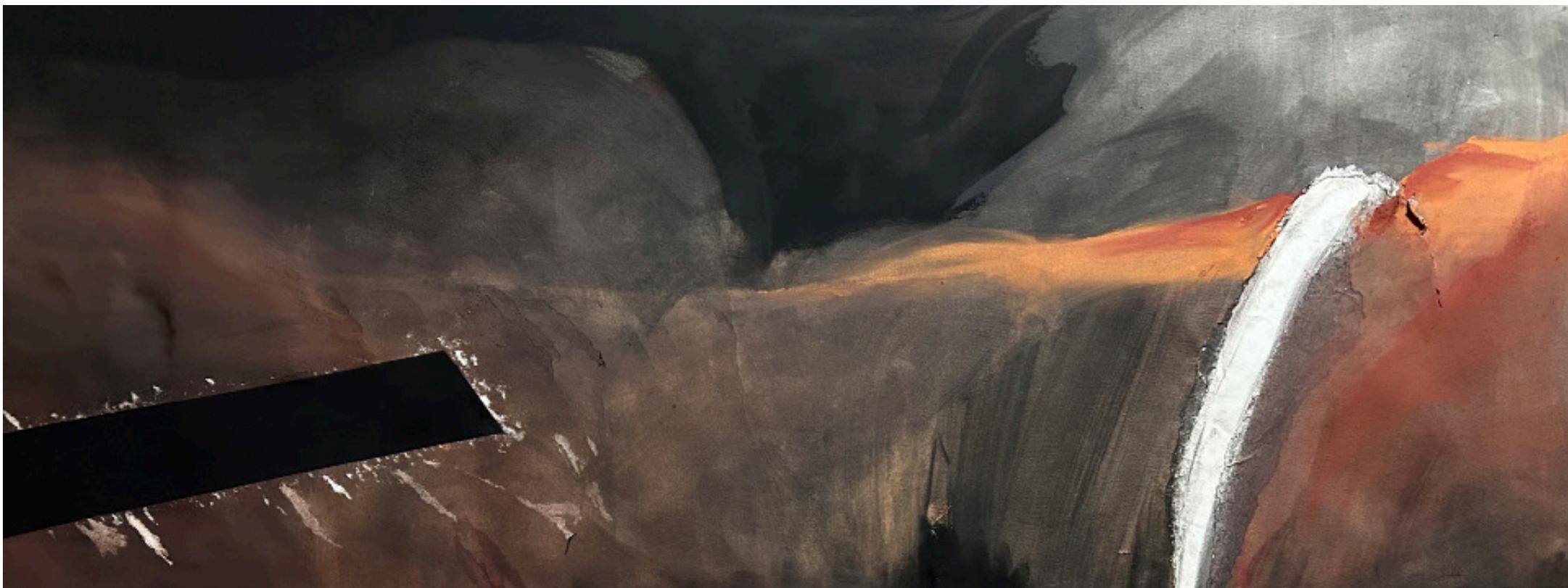
**Fênix**, 2024  
Pastel seco sobre papel  
125 X 154 cm  
R\$ 26.800,00



**Verme passeia na lua cheia**, 2024  
Pastel seco sobre papel  
125 X 154 cm  
R\$ 26.800,00



**Tremonha**, 2020  
Pastel seco sobre papel  
157 X 157 cm  
R\$ 30.140,00



**Quedas**, 2025  
Pastel seco sobre papel  
59 X 152 cm  
R\$ 20.250,00



**Cascata**, 2025  
Pastel seco sobre papel  
100 X 70 cm



**Vendaval**, 2023  
Pastel seco sobre papel  
100 X 100 cm  
R\$ 19.200,00



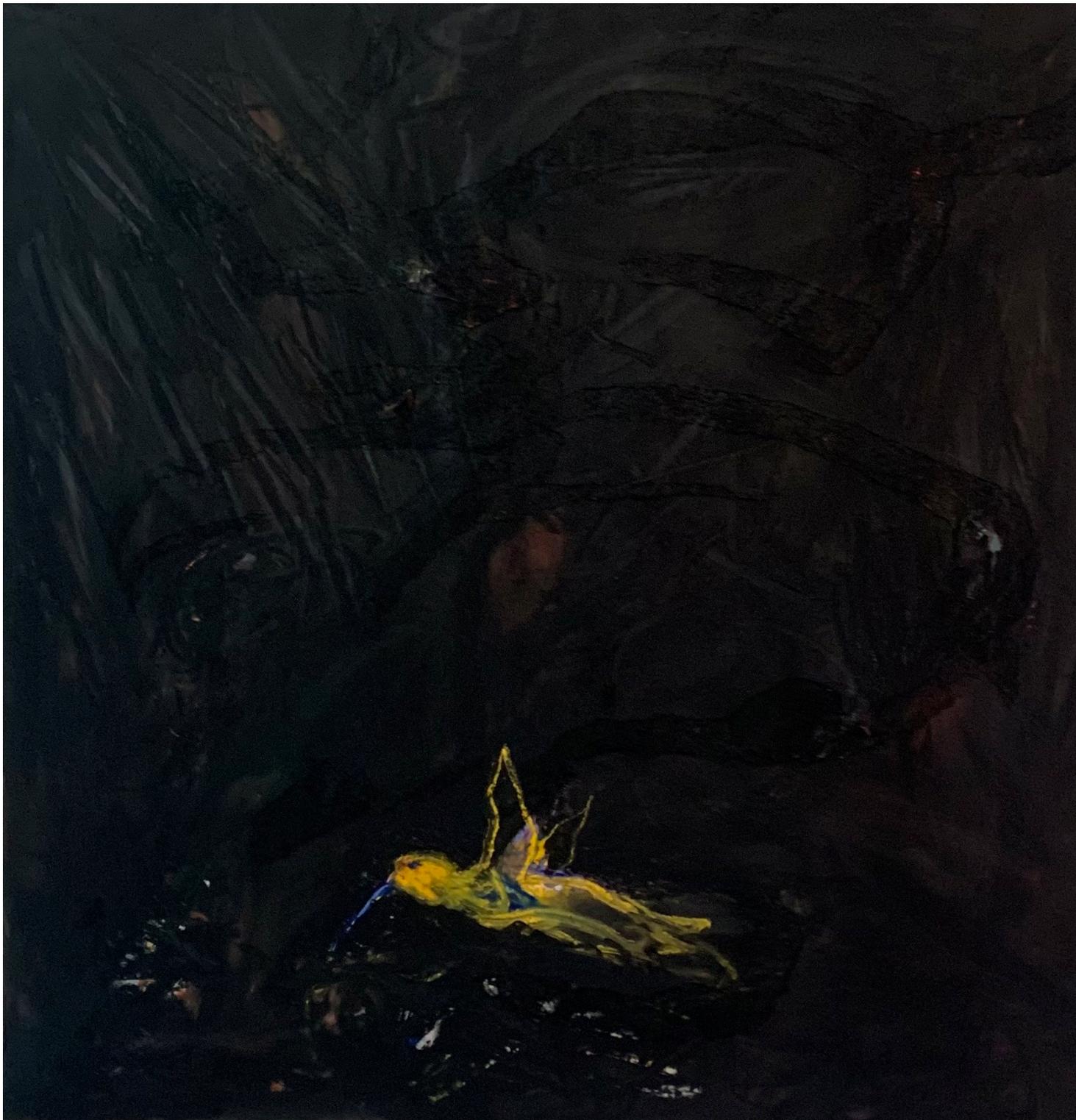
**Bruma**, 2023  
Pastel seco sobre papel  
100 X 100 cm  
R\$ 19.200,00



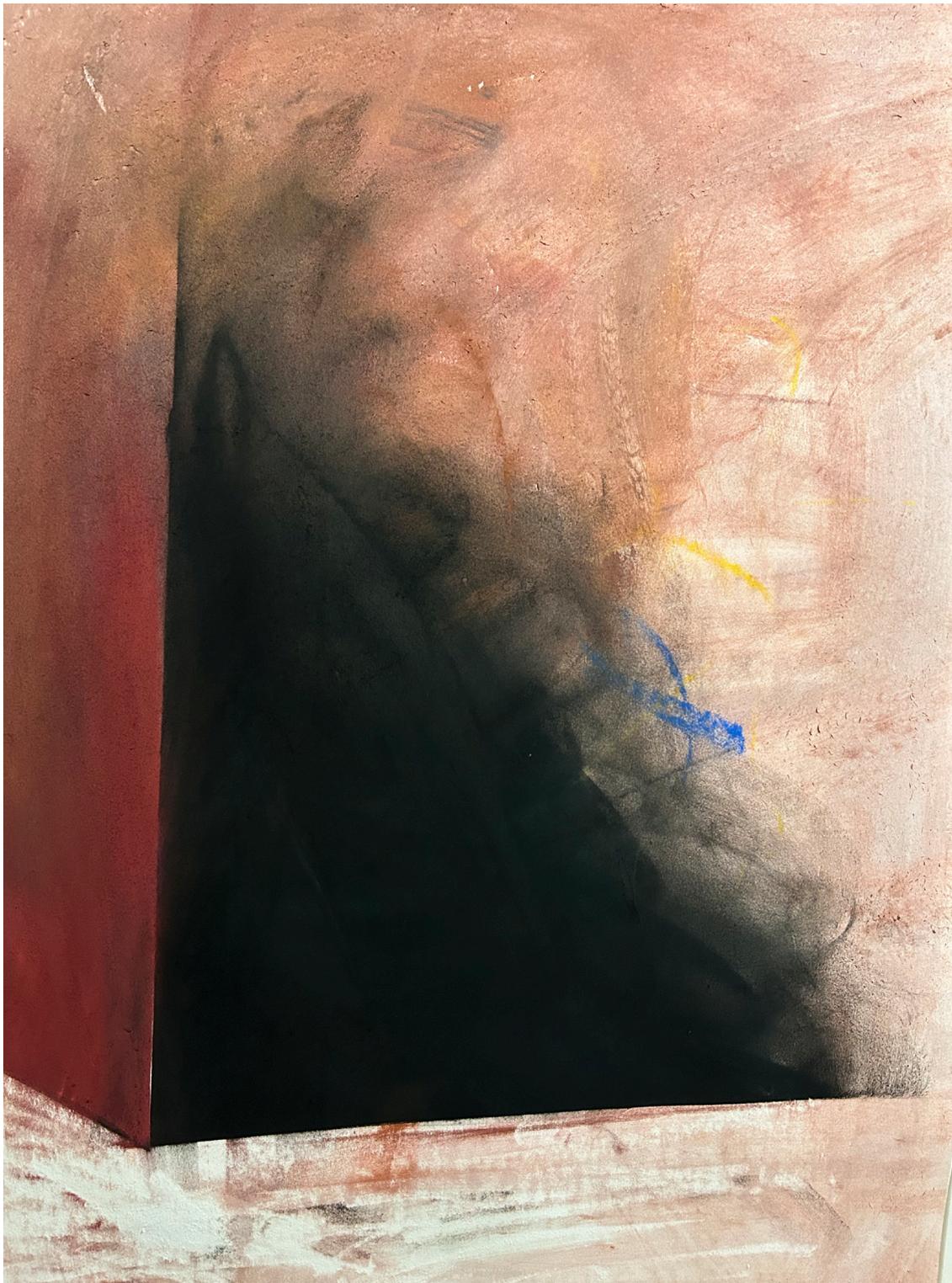
**Relâmpago**, 2023  
Pastel seco sobre papel  
100 X 100 cm  
R\$ 19.200,00



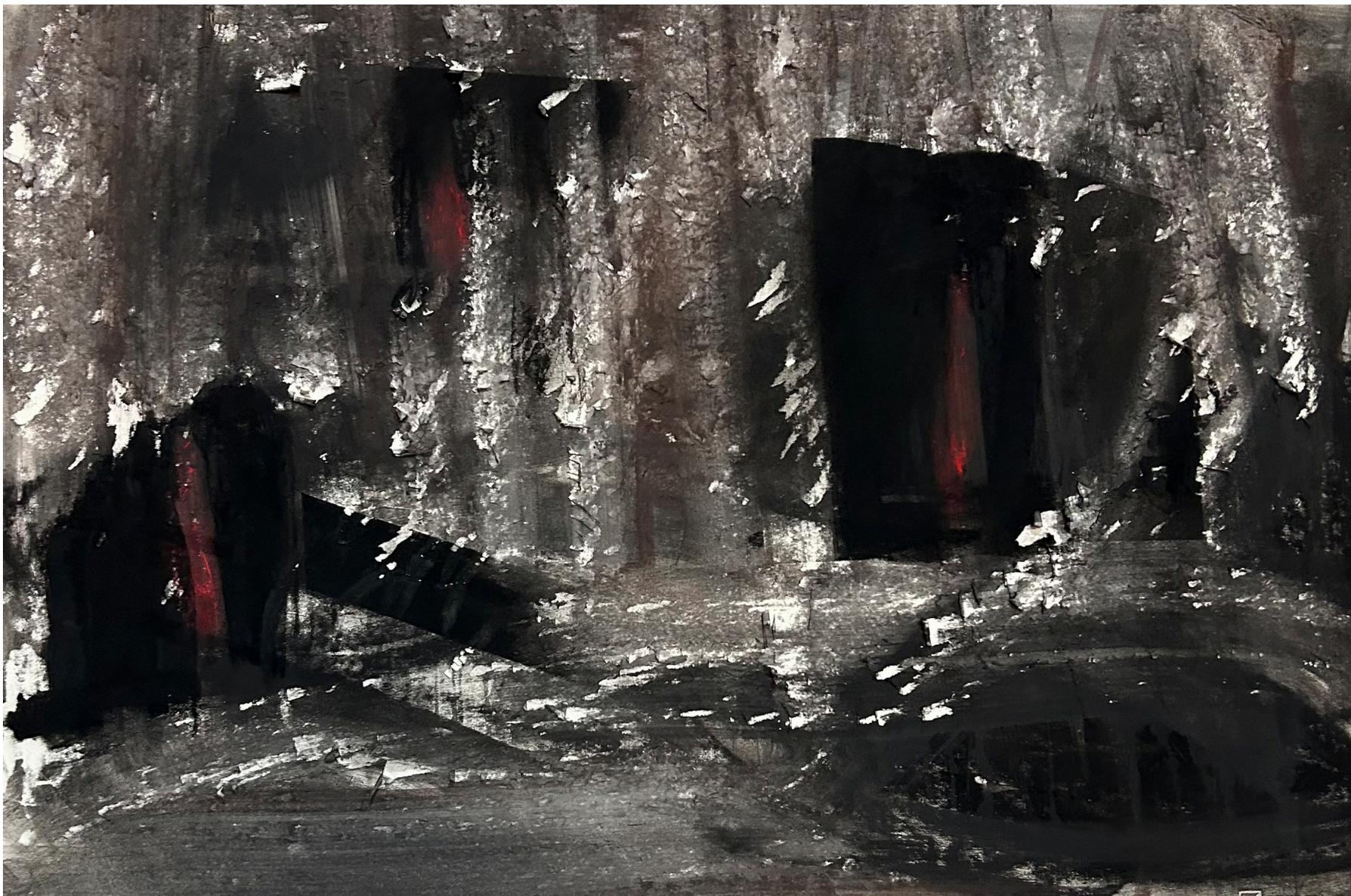
**Alma do rio**, 2023  
Pastel seco sobre papel  
100 X 100 cm  
R\$ 19.200,00



**Beija-flor**, 2023  
Pastel seco sobre papel  
100 X 100 cm  
R\$ 19.200,00



**Lamentação**, 2024  
Pastel seco sobre papel  
100 X 70 cm  
R\$ 16.320,00



**Chuva de pedra**, 2025  
Pastel seco sobre papel  
70 X 100 cm  
R\$ 19.320,00



**Onde canta o sabiá**, 2024  
Pastel seco sobre papel  
70 X 100 cm  
R\$ 16.320,00



**Coral**, 2025  
Pastel seco sobre papel  
30 X 50 cm  
R\$ 7.700,00



RUA MOURATO COELHO, 790  
SÃO PAULO | SP  
+55 11 99974 7137 | 3812 7137



RUA VISCONDE DO RIO BRANCO, 365  
PORTO ALEGRE | RS  
+55 51 99976 3600 | 3332 6799

@GALERIABOLSADEARTE

[WWW.BOLSADEARTE.COM.BR](http://WWW.BOLSADEARTE.COM.BR)